

## O APEGO DE CRIANÇAS COM DOENÇAS CRÔNICAS: UMA REVISÃO NARRATIVA

### THE ATTACHMENT OF CHILDREN WITH CHRONIC DISEASE: A NARRATIVE REVIEW

### EL APEGO DE LOS NIÑOS CON ENFERMEDADES CRÓNICAS: UNA REVISIÓN NARRATIVA

Alexia Carlyne Teixeira<sup>1</sup>  
Anelisa Penteado de Lima<sup>2</sup>  
Tanara Arejano Dourado Vaucher<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo explorar o impacto das doenças crônicas no desenvolvimento emocional de crianças, considerando a teoria do apego, de John Bowlby, como base para compreender as interações e os vínculos estabelecidos com seus cuidadores. A vivência de uma condição crônica impõe à criança desafios significativos, como hospitalizações frequentes, mudanças nas rotinas e limitações físicas, fatores que podem fragilizar o senso de segurança emocional. A teoria do apego destaca que os vínculos afetivos com os cuidadores são cruciais para o desenvolvimento socioemocional e para a regulação do estresse. Para as famílias, o diagnóstico de uma doença crônica traz desafios psicológicos e estruturais, incluindo sentimentos de incerteza, angústia e exaustão, que podem impactar a capacidade de oferecer suporte consistente à criança. Nesse contexto, a atuação de uma equipe multidisciplinar, em especial do profissional da psicologia, é essencial para fortalecer o sistema de suporte familiar e promover a resiliência emocional da criança.

8215

**Palavras-chave:** Doenças Crônicas. Desenvolvimento Emocional. Teoria do Apego.

**ABSTRACT:** The present study aims to explore the impact of chronic diseases on the emotional development of children, using attachment theory, from John Bowlby as a foundation to understand the interactions and bonds established with their caregivers. Living with a chronic condition imposes significant challenges on the child, such as frequent hospitalizations, changes in routines, and physical limitations, that can weaken their sense of emotional security. Attachment theory emphasizes that affective bonds with caregivers are crucial for socioemotional development and stress regulation. For families, the diagnosis of a chronic disease brings psychological and structural challenges, including feelings of uncertainty, distress, and exhaustion, which may affect their ability to provide consistent support to the child. In this context, the involvement of a multidisciplinary team, especially the psychologist, is essential to strengthen the family support system and promote the child's emotional resilience.

**Keywords:** Chronic disease. Emotional Development. Attachment Theory.

<sup>1</sup>Discente do curso de Psicologia, Centro Universitário Univel.

<sup>2</sup>Discente do curso de Psicologia, Centro Universitário Univel.

<sup>3</sup>Formada em psicologia na Faculdade Assis Gurgacz, especialização em Psicologia da Saúde e Hospitalar pela Faculdade Pequeno Príncipe. Docente do curso de Psicologia, Centro Universitário Univel.

**RESUMEN:** El presente estudio tiene como objetivo explorar el impacto de las enfermedades crónicas en el desarrollo emocional de los niños, considerando como base la teoría del apego de John Bowlby para comprender las interacciones y los enlaces establecidos con sus cuidadores. Vivir con una condición crónica impone al niño desafíos importantes, como hospitalizaciones frecuentes, cambios en las rutinas y limitaciones físicas, factores que pueden debilitar su sentido de seguridad emocional. La teoría del apego destaca que los vínculos afectivos con los cuidadores son cruciales para el desarrollo socioemocional y la regulación del estrés. Para las familias, el diagnóstico de una enfermedad crónica trae desafíos psicológicos y estructurales, incluyendo sentimientos de incertidumbre, angustia y agotamiento, que pueden afectar la capacidad de brindar un apoyo consistente al niño. En este contexto, la participación de un equipo multidisciplinario, en especial del profesional psicólogo, es esencial para fortalecer el sistema de apoyo familiar y promover la resiliencia emocional del niño.

**Palabras clave:** Enfermedades Crónicas. Desarrollo Emocional. Teoría del Apego.

## I INTRODUÇÃO

A doença crônica é uma condição de saúde que demanda tratamento contínuo e de longa duração, podendo não ter cura e exigindo cuidados permanentes (Moreira, Gomes e Sá, 2014). As principais doenças crônicas são: diabetes mellitus, hipertensão arterial, doenças cardiovasculares e respiratórias crônicas, como asma e doença pulmonar obstrutiva crônica, doenças osteoarticulares, como artrite e osteoporose, obesidade, câncer e problemas de saúde mental, como a depressão e a ansiedade (Taddeo *et al.*, 2012).

8216

Essas condições representam um desafio significativo para os sistemas de saúde em todo o mundo, tanto pela sua prevalência quanto pelo impacto que exercem profundamente na qualidade de vida dos pacientes, que requerem acompanhamento médico regular e mudanças no estilo de vida para controlar os sintomas e prevenir complicações (Taddeo *et al.*, 2012; Moreira, Gomes e Sá, 2014).

A infância é um período marcado por intenso desenvolvimento emocional e cognitivo, e quando há presença de uma doença crônica, o curso natural desses processos pode ser alterado profundamente (Batista, 2019). A necessidade de cuidados especializados a longo prazo, e as adaptações de vida que cada doença exige, podem trazer limitações às suas atividades diárias e interações sociais (Moreira e Goldani, 2010), como privações de brincadeiras e descobertas de uma infância saudável, gerando experiências interpretadas como negativas para as crianças (Costa, Passeggi e Rocha, 2020).

A partir da assimilação destas experiências negativas associadas à doença, as crianças gradativamente compreendem os limites que seu diagnóstico os impõe, percebendo por exemplo que um descuido pode baixar sua imunidade e fazê-lo voltar ao hospital. Estas

vivências compõem a percepção de si destas crianças, e impactam em seu desenvolvimento emocional (Costa, Passeggi e Rocha, 2020).

Para agregar às experiências consequentes da doença crônica, a relação da criança com seu núcleo familiar é uma importante influência para seu desenvolvimento emocional (Coutinho, Queiroga e Souza, 2020) e segundo a Teoria do Apego, de John Bowlby (1907-1990), quando há situações de estresse, todo o funcionamento da família é afetado.

O apego é, para o autor da teoria, uma necessidade biológica tal qual a de ser alimentado, já que é o que gera o sentimento de segurança e autonomia no indivíduo (Ainsworth e Bowlby, 1989). Isto é, quando o apego é seguro, a criança sente que pode confiar no cuidado de seu responsável, expressar emoções e pensamentos, desenvolver expectativas positivas de futuro e têm seu desejo exploratório amparado (Coutinho, Queiroga e Souza, 2020).

Por outro lado, quando a figura de apego demonstra vulnerabilidade e instabilidade, ora oferecendo proteção, ora se apresentando inapto para isso, a criança recebe o sinal de apego inseguro, podendo gerar nela inseguranças, baixa autoestima e dificuldades em interações sociais e exploratórias (Dalbem e Dell'aglio, 2005; Coutinho, Queiroga e Souza, 2020). É importante salientar que em meio a um diagnóstico, os cuidadores vivem grande sobrecarga emocional de medo, ansiedade, estresse e outros sofrimentos psíquicos, mas estes podem levar a atitudes de controle exacerbados e superproteção da criança em tratamento, o que dificulta o desenvolvimento do apego seguro (Al-Yagon *et al.*, 2017 *apud* Coutinho, Queiroga e Souza, 2020).

8217

Assim, esta revisão de literatura tem como objetivo sintetizar as evidências sobre o desenvolvimento emocional em crianças com doenças crônicas, empregando a teoria do apego como base conceitual, para assim explorar quais são os tipos de apego encontrados nas crianças com esta condição.

Desta forma, pretende-se entender os fatores associados a uma vinculação insegura com os cuidadores, e propor ações interventivas da psicologia para garantir o desenvolvimento saudável da criança.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 A DOENÇA CRÔNICA

O conceito de doença crônica, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), engloba condições de longo curso que podem apresentar incapacidades residuais, alterações

patológicas irreversíveis e a necessidade de cuidados prolongados e treinamento especializado para reabilitação (Novais *et al.*, 2009). Essas doenças representam um desafio constante para os sistemas de saúde, exigindo estratégias de autocuidado e monitoramento contínuo, especialmente no contexto infantil. No Brasil, as doenças crônicas chegaram a responder por 72% das mortes em 2011 (Malta, 2015), afetando desproporcionalmente grupos de baixa renda e escolaridade, com destaque para condições como diabetes, hipertensão, doenças cardiovasculares, respiratórias e obesidade infantil (Felix *et al.*, 2023).

Essas doenças afetam pessoas de todos os estratos sociais, mas são especialmente prevalentes entre aqueles com baixa renda e pouca escolaridade (Felix *et al.*, 2023). Isso ocorre devido à dificuldade de acesso a uma boa qualidade de vida, rotina de exercícios físicos e alimentação saudável. Embora exista um fator genético no desenvolvimento dessas doenças, a prevenção do desencadeamento de sintomas depende principalmente de fatores ambientais — como a não exposição ao tabaco e a ambientes com ácaros, em doenças respiratórias — e comportamentais, como a adoção de uma dieta saudável (Araújo, Farias e Reis, 2022), que é menos acessível para pessoas de baixa renda.

Silva (2019) percebe nas crianças em adoecimento a taxa mais alta de depressão, problemas somáticos e altos índices de problemas com a autoimagem, além de sentimentos de aversão pela própria doença crônica, principalmente quando aliado a necessidade de retirada dos ciclos sociais para constante hospitalização. No mesmo estudo as crianças em tratamento de diversas doenças apresentaram maior índice de problemas emocionais internos, que abrangem, segundo Achenbach e Rescorla (2001 *apud* Silva, 2019, pg. 82):

"[...] queixas como choros frequentes, medos, tensão, sentimento de culpa, preocupações, preferência da criança por estar sozinha, timidez, tristeza, pesadelos, cansaço excessivo e queixas físicas sem causa orgânica detectável".

Em relação a questões emocionais externas, o grupo controle deste estudo, caracterizado por crianças sem patologias, apresentou taxas mais altas de agressividade e comportamento desafiador do que o grupo de crianças com doenças crônicas, que em oposição, apresentou sentimentos divergentes, tendendo ao isolamento social quando inseridas em contextos diferentes da casa e do hospital (Nóbreg *et al.*, 2010 *apud* Silva, 2019).

As doenças crônicas podem comprometer não apenas o desenvolvimento emocional, mas também o desempenho cognitivo das crianças. Condições como diabetes e epilepsia podem afetar funções executivas, como memória, atenção e controle inibitório, devido aos impactos

fisiológicos da doença, e também pelo estresse contínuo causado pelo tratamento (Ferreira, 2013). Essas dificuldades podem prejudicar o desempenho escolar e o aprendizado, exigindo intervenções específicas para apoiar o desenvolvimento cognitivo em ambientes educacionais.

A convivência prolongada com uma doença crônica frequentemente altera o comportamento social da criança. A necessidade de hospitalizações frequentes, restrições em atividades físicas e o uso de equipamentos médicos podem levar à estigmatização e a dificuldades na interação com colegas (Sousa, 2020).

E é por isso que a família desempenha um papel central no enfrentamento das doenças crônicas na infância, sendo o principal apoio emocional e logístico para a criança (Souza, 2021). A retirada dos ciclos sociais e o isolamento vivenciados por elas podem intensificar problemas internos, como tristeza, medo e comportamentos de isolamento, ao mesmo tempo que enfraquecem oportunidades de interação e suporte emocional em contextos variados. A presença de cuidadores sensíveis e atentos, mesmo em situações de hospitalização ou tratamento contínuo, desempenha um papel fundamental na redução dos impactos emocionais adversos. Esses aspectos estão intrinsecamente relacionados à teoria do apego, que explora como a qualidade dos vínculos estabelecidos na infância influencia o desenvolvimento emocional e social ao longo da vida (Gabatz, *et al.*, 2017)

## 2.2 A TEORIA DO APEGO

Desenvolvida inicialmente pelo psiquiatra e psicanalista John Bowlby, a teoria do apego é fundamental para compreender a importância das relações com os cuidadores na primeira infância. Bowlby investigou os efeitos dos cuidados maternos e descobriu que a ausência ou interrupção do vínculo com a figura materna nos primeiros anos de vida poderia causar efeitos adversos no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças (Ainsworth e Bowlby, 1991). Sua teoria se fundamenta na ideia de que as crianças nascem com uma predisposição para formar laços afetivos que garantam proteção e suporte emocional, essenciais para seu desenvolvimento saudável (Dalbem e Dell'aglio, 2005).

De acordo com Bowlby (1991), a figura de apego funciona como uma "base segura" para a criança explorar o mundo e aprender a enfrentar desafios e inseguranças. Quando o vínculo é seguro e consistente, a criança se sente protegida e desenvolve maior confiança, o que contribui para um desenvolvimento emocional positivo. No entanto, quando ocorre uma separação precoce, prolongada ou a qualidade do vínculo é comprometida por fatores como

negligência, prejuízo ou até a ausência do cuidador principal, as crianças tendem a apresentar dificuldades emocionais e comportamentais (Adorian *et al.*, 2024).

Nas décadas seguintes à sua elaboração inicial, as ideias de Bowlby foram amplamente debatidas e complementadas por estudos da neurociência e psicologia do desenvolvimento (Gomes e Melchiori, 2012) e Mary Ainsworth, foi uma das colaboradoras para a construção da teoria.

Com o experimento desenvolvido por ela, conhecido como "Situação Estranha", os padrões de apego foram testados e classificados, sendo até então, o seguro, inseguro evitativo e inseguro ambivalente (Bowlby, 1990; Siegel, 1999 *apud* Portinari, 2013). Cada padrão de apego tem implicações para a forma como a criança enfrenta o estresse e desenvolve relações ao longo da vida.

Crianças com apego seguro, por exemplo, tendem a ser mais resilientes e capazes de enfrentar adversidades emocionais, tendo um padrão de alta confiança em si mesma e nos outros, e se sentindo à vontade para criar laços emocionais (Ainsworth e Bowlby, 1991; Portinari, 2013), o que ocorre pela compreensão de que o cuidador está disponível quando solicitado, mas com liberdade para explorar, sem o medo da ausência dele (Adorian *et al.*, 2014). Enquanto as crianças com apego inseguro, tanto o evitativo quanto o ambivalente, podem ter mais dificuldades em lidar com situações de estresse e estabelecer relações de confiança (Ainsworth e Bowlby, 1991; Coutinho, Queiroga e Souza, 2020).

O apego inseguro evitativo reflete uma boa autoconfiança, mas baixa confiança nos outros, já que ocorre na baixa responsividade do cuidador às demandas emocionais da criança, a fazendo entender que não tem o apoio de sua figura de apego, ou seja, ela não teme a ausência, ela está certa da ausência (Adorian *et al.*, 2014). Esta criança tende a evitar a proximidade emocional e priorizar a independência como proteção contra frustrações (Portinari, 2013; Ainsworth, 2015).

Por fim, o apego inseguro ambivalente é resultado de um sinal de segurança inconsistente por parte do cuidador, causando reações emocionais excessivas por medo de sua ausência, marcando a criança com uma baixa autoconfiança e alta confiança nos outros, gerando insegurança, busca intensa por validação e medo de abandono (Portinari 2013; Adorian *et al.*, 2014).

Mais tarde, um quarto tipo de apego foi elaborado por Mary Main, psicóloga norte americana. Ao perceber que algumas crianças não podiam ser enquadradas nas classificações

anteriores, nomeou um novo padrão, o apego desorganizado. Estas apresentam comportamentos contraditórios, buscando e evitando proximidade com seus cuidadores, podendo refletir conflitos internos de medo e confusão (Main, 2000 *apud* Portinari, 2013; Main, Hesse e Kaplan, 2005 *apud* Portinari, 2013). Esse tipo de apego é associado geralmente a experiências de trauma, como negligência, alienação parental, abusos ou perdas não resolvidas. Essas crianças podem chorar ao se separar da mãe, mas evitá-la ao seu retorno, ou ainda mostrar comportamentos incomuns na presença do cuidador (Lyons-Ruth e Jacobvitz, 2008 *apud* Portinari, 2013).

Tal qual experiências traumáticas na infância podem impactar na vida adulta, a qualidade do apego vivenciado afeta as habilidades emocionais e percepções ao longo da vida. Bowlby explica isso em seu conceito de “modelo funcional interno”, indicando que experiências de apego na infância moldam suas relações, sensações de ansiedade, insegurança e instabilidade emocional (Gomes e Melchiori, 2012 *apud* Besoain; Santelices, 2009).

Em suma, a teoria do apego demonstra de forma contundente como os vínculos afetivos na infância moldam a base emocional e comportamental dos indivíduos, com impactos que reverberam ao longo da vida (Portinari, 2013). No cenário da doença crônica infantil, a teoria do apego fornece uma lente relevante para explorar como crianças, com suas camadas específicas de vulnerabilidade, desenvolvem laços afetivos e mecanismos emocionais de enfrentamento. Segundo essa teoria, o estabelecimento de vínculos seguros pode atuar como fator de proteção, auxiliando no desenvolvimento emocional mesmo diante de adversidades (Castro e Piccinini, 2002; Araújo, Farias e Reis, 2022).

Em tais contextos, o papel do cuidador é ainda mais fundamental, visto que o vínculo seguro pode fornecer à criança uma base emocional de apoio e resiliência, ajudando-a a enfrentar os desafios e incertezas associadas à condição crônica, esse vínculo fortalece a capacidade da criança de regular suas emoções e de se sentir acolhida, promovendo um desenvolvimento mais saudável (Gabatz, *et al.*, 2017; Adorian *et al.*, 2024).

Entretanto, os pais, que muitas vezes, enfrentam um desgaste físico e emocional significativo, podem tender à superproteção ou negligenciar as necessidades de outros membros da família (Coutinho, 2019). Por isso, é essencial que a família tenha suporte de profissionais da saúde e psicólogos para um cuidado integral e contínuo. A acessibilidade, resolutividade e humanização na atenção fortalecem a confiança, promovem o diálogo e facilitam soluções



eficazes, garantindo que as necessidades de saúde sejam atendidas com empatia e fortalecendo a rede de cuidado (Silva, 2018).

Para tal, é fundamental que as equipes considerem a vinculação familiar para suas intervenções em saúde integral da criança. O apego não é apenas uma questão individual, mas uma base para intervenções psicossociais que promovam o bem-estar infantil e a qualidade de vida em todos os aspectos que a compõem (Gomes e Melchiori, 2012).

### 3 METODOLOGIA

Para a realização deste artigo foi utilizada a pesquisa bibliográfica narrativa, visando a realização de uma revisão abrangente de literatura, e proporcionando um ponto de vista teórico atual, constituindo uma narrativa crítica e coesa dos autores na construção de um texto dialogado por muitos outros. Esta categoria possibilita ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento acerca de um tema específico em um curto espaço de tempo, levando uma reelaboração teórica íntegra e fidedigna sobre o material pesquisado (Rother, 2007; Santos, 2020).

A pesquisa se deu no Google Acadêmico, de forma que pudéssemos encontrar o máximo de materiais, dentre periódicos, publicações e dissertações não publicadas, para entender o que a literatura brasileira está discutindo sobre o tema do Apego em Crianças com Doenças Crônicas.

Foram pesquisadas diversos sinônimos das palavras “doença crônica” *and* “desenvolvimento emocional” *and* “teoria do apego”, variando as pesquisas com o nome do autor “john bowlby” ao invés do nome da teoria, e variando a pesquisa de “doença crônica” para o nome específico da doença, como “obesidade” ou “câncer”. Com estas possibilidades ampliadas, exaurimos os materiais disponíveis em português nos últimos cinco anos, totalizando 1426 resultados. Dentre estes, 930 foram descartados por duplicidade, 433 foram descartados pelo título, e dos 63 que sobraram para leitura do resumo, apenas 4 tinham relação entre a doença crônica na criança com os tipos de apego, às demais tinham enfoque no sofrimento materno ou na atuação de profissionais como enfermeiros e psicólogos. Destes materiais, faremos a discussão dos conteúdos encontrados no item a seguir.



#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O apego seguro da criança para com seus cuidadores principais tem um papel importante na aquisição de comportamentos, podendo promover segurança na exploração de novos ambientes e impactando no seu desenvolvimento emocional e cognitivo (Ainsworth e Bowlby, 1991; Castro e Piccinini, 2002; Coutinho, 2019; Coutinho, Queiroga e Souza, 2020). Se essa relação primordial for um vínculo inseguro, a criança pode ter consequências, como apresentar habilidade cognitiva e de linguagem mais baixas, quando comparadas às de apego seguro, além de mostrarem insegurança nas demais relações, com pouca disposição para relacionar-se para além dos cuidadores principais (Saur *et al.*, 2018)

A doença crônica já tem seus desafios por si só, causando impacto negativo no funcionamento familiar e interferindo diretamente na relação dos cuidadores com a criança (Castro e Piccinini, 2002). Por isso a família precisa de suporte para lidar com as demandas e serem capazes de oferecer um ambiente emocional seguro (Lima, 2004 *apud* Lunkes, 2022).

Nesse contexto, em relação à pesquisa feita, a literatura brasileira dos últimos anos tem buscado avaliar esta relação em doenças crônicas específicas, como por exemplo, a obesidade, que exige atenção específica para garantir o bem-estar da criança.

A pesquisa de Lima (2023), fez um estudo comparando o tipo de apego de crianças obesas e suas mães, ao apego materno de crianças não-obesas. É importante lembrar que a obesidade é uma doença crônica, e que ela afeta 12% das crianças de até 9 anos de idade no Brasil, (Vigitel, 2019 *apud* Lima, 2023) sendo um atual problema de saúde pública (Corrêa *et al.*, 2020), já que é um agravante para outras doenças crônicas como a hipertensão, diabetes, câncer e problemas cardiovasculares (Nogueira-de-Almeida *et al.*, 2018; Zigarti *et al.*, 2021).

O estudo foi realizado com 102 crianças e suas mães, sendo parte da amostra obesa, e parte não-obesa, a mensuração do tipo de afeto foi feita através de testes psicológicos de avaliação do vínculo parental e níveis de estresse. Os resultados apresentaram uma prevalência do apego inseguro em 56% das crianças obesas, enquanto o grupo de crianças não-obesas obteve um resultado consideravelmente menor, de 22% delas com apego inseguro (Lima, 2023).

A literatura tem discutido a possibilidade de haver uma relação causal indireta do tipo de apego com o desenvolvimento da obesidade infantil, indicando que crianças com o apego evitativo ou ambivalente tem mais possibilidade de desenvolverem obesidade (Anderson *et al.*, 2012; Clément e Tereno, 2023). Outros estudos como o de Morrissey e Ritter, (2015 *apud* Lima, 2023) e o de Dallman (2010), apontam que as crianças expostas ao estresse de seus cuidadores

apresentam má regulação com o apetite, e são menos expostas à alimentação saudável. Claro que, a causa principal da obesidade é genética e metabólica (Corrêa *et al.*, 2020), mas considerando a possibilidade do apego inseguro intensificar o desenvolvimento da doença, infere-se a necessidade de ampliar os estudos sobre esta relação.

Além da obesidade, o tipo de apego também foi explorado em crianças com outras condições de saúde, como a doença cardíaca congênita. Um estudo analisou 48 crianças de 3 a 10 anos e teve um resultado substancial. A maioria delas tinha uma relação de apego inseguro com seus cuidadores, sendo 43,8% do tipo ambivalente, 12,5% do tipo evitativo e 8,3% do tipo desorganizado, totalizando 64,6% das crianças com apego inseguro, e apenas 35,4% com vínculo seguro (Coutinho, 2019).

Em entrevistas com profissionais de enfermagem, a autora encontrou a prevalência do relato de superproteção e medo da perda dos filhos. Estas mães começam a sofrer desde a ruptura da expectativa do filho idealizado com a realidade do filho doente, mas não se dão conta que precisam de cuidados além dos relacionados à doença (Coutinho, 2019).

Não se pode afirmar que esta seja a causa principal da prevalência de padrões de apego inseguro em crianças adoecidas, mas o conceito de “preocupação materna primária”, de Winnicott (1987 *apud* Lunkes, 2022) pode ser uma interpretação interessante.

8224

O autor explica a disponibilidade instintiva da mãe de priorizar o bem estar da criança acima do seu, que geralmente ao passar dos anos deve ser regulada com a necessidade do autocuidado da mãe, mas em uma condição de doença crônica, tanto este autocuidado, quanto as necessidades afetivas da criança ficam em segundo plano, já que o foco do cuidado passa a ser as necessidades médicas, sendo um campo de necessidade de intervenção da psicologia (O’gorman, 2006).

Para tentar compreender melhor o conjunto que ocasiona o apego inseguro, Lunkes (2022) entrevistou mães de crianças em condições de doença crônica e estudou a relação delas com as suas próprias mães (avós das crianças), e percebeu que as mães que não tinham a experiência de apego seguro em suas infâncias reproduziam os mesmos padrões maternos e tinham menor sensibilidade para as necessidades emocionais de seus filhos (Veríssimo *et al.*, 2005).

Esses padrões maternos, muitas vezes transmitidos de geração em geração, podem ser influenciados por diversos fatores, incluindo o nível de informação e as condições socioeconômicas dos cuidadores. Nesse sentido, estudos como os de Coutinho (2019) e Saur *et*

al. (2018) buscaram investigar como essas variáveis impactam a formação dos vínculos de apego. O primeiro não encontrou relação com a escolaridade, renda e ocupação dos cuidadores (Coutinho, 2019) mas no estudo de Saur *et al.*, (2018) houve grande diferença nos grupos de mães com ensino superior, apresentando majoritariamente vínculos seguros com seus filhos, já no grupo de mães de escolaridade nível médio os índices eram maiores de apego inseguro. Não há portanto unanimidade para definir se o fator socioeconômico é um diferencial no tipo de apego.

A doença crônica é uma condição que envolve diversas vulnerabilidades, e muitas delas podem interferir na relação cuidador-criança, como o próprio tipo da doença, a efetividade do tratamento e as adaptações de vida (Coutinho, Queiroga e Souza, 2020), tendo a superproteção materna, a relação dos cuidadores com seus pais, ou o fator socioeconômico como apenas parte da conjuntura que pode indicar o tipo de apego, mas não fator que o define.

Importante mencionar que não há busca por culpabilização dos cuidadores, mas sim por identificação dos padrões, para ampliação do conhecimento científico sobre o tema, e maior entendimento na atuação do psicólogo, que se mostra um profissional necessário na escuta qualificada às famílias. Lunkes (2022) propõe a presença de psicólogos no ambiente hospitalar, intervindo através de grupos de acolhimento aos familiares, e auxiliando na criação de estratégias para o enfrentamento dos desafios específicos do adoecimento da criança.

8225

Também é benéfica a atuação do psicólogo com as equipes de profissionais envolvidos no tratamento, atuando na interlocução das demandas e dificuldades de cada paciente, para que a equipe compreenda a importância da vinculação da criança aos pais, e assim também a estimule, como parte dos cuidados integral à criança (Coutinho, Queiroga e Souza, 2020).

A principal limitação desta revisão está na quantidade de resultados atuais, que são focados em apenas duas doenças, impedindo a validade destes resultados na generalização de todas as doenças do tipo crônicas. Mas é evidenciada a importância deste artigo na contribuição para abertura de novas iniciativas de pesquisa nesta área.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise conduzida neste trabalho destaca como o tipo de apego estabelecido entre a criança e seus cuidadores influencia diretamente seu desenvolvimento emocional no contexto de doenças crônicas. Observou-se, com base na teoria do apego de John Bowlby, que vínculos seguros proporcionam à criança um senso de segurança emocional fundamental para enfrentar

os desafios impostos pela condição de saúde. Por outro lado, fatores como o estresse parental, a superproteção e a instabilidade emocional dos cuidadores – frequentemente enraizada em suas próprias experiências de apego inseguro – podem levar a padrões de apegos inseguros, comprometendo o desenvolvimento emocional e social da criança.

A promoção de vínculos seguros fortalece a capacidade da criança de regular suas emoções e de enfrentar adversidades, ao mesmo tempo em que favorece uma relação familiar mais harmoniosa e resiliente, com isso, o estudo destaca a necessidade de intervenções direcionadas à dinâmica familiar. A abordagem multidisciplinar, especialmente com o suporte psicológico, mostrou-se crucial para capacitar os cuidadores a lidar com os desafios emocionais e estruturais do adoecimento crônico infantil. Portanto, conclui-se que o entendimento e a aplicação da teoria do apego oferecem subsídios para práticas que promovam a humanização no cuidado de crianças com doenças crônicas. Ao compreender como os vínculos afetivos moldam o desenvolvimento, torna-se possível criar estratégias para minimizar os impactos negativos do adoecimento, garantindo um suporte emocional consistente e promovendo o bem-estar integral dessas crianças e de suas famílias.

## REFERÊNCIAS

- 1 ADORIAN, R. T. L. *et al.* Teoria do apego. **Revista Cathedral**, v. 6, n. 2, p. 103-122, 2024.
- 2 AINSWORTH, M. S.; BOWLBY, J. An ethological approach to personality development. **American Psychologist**, v. 46, n. 4, p. 333, 1991.
- 3 AINSWORTH, M. D. S. *et al.* Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation. **Psychology press**, 2015.
- 4 ANDERSON, S. E. *et al.* Quality of early maternal–child relationship and risk of adolescent obesity. **Pediatrics**, v. 129, n. 1, p. 132-140, 2012.
- 5 ARAUJO, H. V.; FARIAS, I. O.; REIS, B. C. C. A importância da mudança do estilo de vida em pacientes portadores de doenças crônicas não transmissíveis: uma revisão da literatura. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, 2022.
- 6 BATISTA, J. B. **O desenvolvimento de emoções e sentimentos na infância como fundamento psicológico da educação escolar**. Dissertação. (Mestrado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2019.
- 7 CASTRO, E. K. de; PICCININI, C. A. Implicações da doença orgânica crônica na infância para as relações familiares: algumas questões teóricas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 3, p. 625–635, 2002.

- 8 CLÉMENT, S.; TERENO, S. Attachment, feeding practices, family routines and childhood obesity: a systematic review of the literature. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 20, n. 8, p. 5496, 2023.
- 9 CORRÊA, V. P. *et al.* O impacto da obesidade infantil no Brasil: revisão sistemática. **RBONE-Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 14, n. 85, p. 177-183, 2020.
- 10 COSTA, C. L.; PASSEGGI, M. C.; ROCHA, S. M. Por uma escuta sensível de crianças com doenças crônicas. **Educação UFSM**, v. 45, 2020.
- 11 COUTINHO, V. M. Intervenção educativa com profissionais de saúde com foco na assistência integral à criança com doença cardíaca congênita. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e Adolescente). **Universidade Federal de Pernambuco**. Recife, 2019.
- 12 COUTINHO, V. M.; QUEIROGA, B. A. M.; SOUZA, R. C. Estilo de apego em crianças com doenças crônicas: uma revisão integrativa. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 38, p. e2018308, 2020.
- 13 DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.
- 14 DALLMAN, M. F. Stress-induced obesity and the emotional nervous system. **Trends in Endocrinology & Metabolism**, v. 21, n. 3, p. 159-165, 2010.
- 15 FÉLIX, A. S. *et al.* Doenças crônicas na infância. **Revista Liberum Accessum**, v. 15, n. 1, p. 25-32, 2023.
- 16 FERREIRA, P. R. A. **Doença crônica na criança: importância do núcleo familiar**. Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia de Braga, Braga, p. 249-270, 2013.
- 17 GABATZ, R. I. B. *et al.* Teoria do apego, interacionismo simbólico e teoria fundamentada nos dados: articulando referenciais para a pesquisa. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 26, n. 4, 2017.
- 18 GOMES, A. A.; MELCHIORI, L. E. A teoria do apego na produção científica contemporânea. **Coleção PROPG Digital (UNESP)**, 2012.
- 19 LIMA, M. F. A. **Estresse materno e estilos de apego em crianças obesas e eutróficas**. Dissertação (Mestrado em Neurociências Cognitiva e Comportamento). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.
- 20 LUNKES, L. C. **As representações maternas e o cuidado da criança hospitalizada**. Título de Especialização (Psicologia e Saúde da Criança). Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Porto Alegre, 2022.

- 21 MALTA, D. C. *et al.* A vigilância e o monitoramento das principais doenças crônicas não transmissíveis no Brasil-Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 18, n. Suppl 2, p. 03-16, 2015.
- 21 MOREIRA, M. C. N.; GOMES, R.; SÁ, M. R. C. Doenças crônicas em crianças e adolescentes: uma revisão bibliográfica. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 2083-2094, 2014.
- 22 MOREIRA, M. E. L.; GOLDANI, M. Z. A criança é o pai do homem: novos desafios para a área de saúde da criança. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 321-327, 2010.
- 23 NOGUEIRA-DE-ALMEIDA, C. A. *et al.* Classificação da obesidade infantil. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 51, n. 2, p. 138-152, 2018.
- 24 NOVAIS, E. M. *et al.* O saber da pessoa com doença crônica no autocuidado. **Clinical and Biomedical Research**, v. 29, n. 1, 2009.
- 25 O'GORMAN, S. Theoretical interfaces in the acute pediatric context: A psychotherapeutic understanding of the application of infant-directed singing. **American Journal of Psychotherapy**, v. 60, n. 3, p. 271-283, 2006.
- 26 PORTINARI, D. B. **A teoria do apego de John Bowlby e os estudos de apego em adultos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2013.
- 27 ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta**, São Paulo, 2007.
- 28 SANTOS, L. C. A questão do método na investigação científica. **Revista Baiana de Tecnologia**, Camaçari-BA, 2020.
- 29 SAUR, B. *et al.* Relação entre vínculo de apego e desenvolvimento cognitivo, linguístico e motor. **Psico**, v. 49, n. 3, p. 257-265, 2018.
- 30 SILVA, A. C. S. **Impacto da doença crônica infantil sobre a saúde mental de cuidadores primários e o desenvolvimento socioemocional da criança**. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2019.
- 31 SILVA, M. E. A. *et al.* Doença crônica na infância e adolescência: vínculos da família na rede de atenção à saúde. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 27, n. 2, p. e4460016, 2018.
- 32 SOUSA, F. M.; SILVA, M. C. R. O direito à escolarização de crianças e adolescentes com doenças crônicas no Brasil: uma análise a partir do pensamento complexo e da teoria crítica. **Educação UFSM**, v. 45, 2020.
- 33 SOUZA, A. S. S. *et al.* O impacto da doença crônica de crianças e adolescentes hospitalizados na dinâmica familiar. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 64791-64802, 2021.
- 34 TADDEO, P. S. *et al.* Acesso, prática educativa e empoderamento de pacientes com doenças crônicas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 2923-2930, 2012.

35 VERÍSSIMO, M. *et al.* Coordenação entre o modelo dinâmico interno da mãe e o comportamento de base segura dos seus filhos. **Análise Psicológica**, v. 23, n. 2, p. 85-95, 2005.

36 ZIGARTI, P. V. R.; JUNIOR, I. S. B.; DE SALES FERREIRA, J. C. Obesidade infantil: uma problemática da sociedade atual. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, p. e29610616443-e29610616443, 2021.